

Como ter leitores para sua pesquisa com manuscritos?

Mônica Gama¹

Notas em torno de *Como Fernando Pessoa pode mudar a sua vida – primeiras lições*, de Carlos Pittella e Jerónimo Pizarro. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2016.

A PESQUISA EM acervos pressupõe, quase sempre, anos de dedicação daquele que se propõe a entender um momento do processo de criação de escritores, intelectuais, artistas plásticos, entre outros. O resultado? Teses, artigos, com sorte, uma exposição com manuscritos, cadernos de artistas, vídeos. É provável que nossas pesquisas circulem só entre os geneticistas ou especialistas em autores e obras específicas. Com sorte, talvez consigamos alguns leitores com a habitual curiosidade sobre a gênese da obra e que percebam a amplitude dessas investigações.

Somos muito solitários nas inúmeras horas de pesquisa com manuscritos velhos (por vezes empoeirados), nas frustrantes tentativas de compreensão das caligrafias, nas leituras interrompidas pelas rasuras, nas dificuldades de acesso aos documentos de processo e de sua publicação – nem vale a pena descrever mais os problemas, não queremos que se angustie lendo esta resenha, sobretudo se está iniciando sua pesquisa com manuscritos.

Como divulgar, porém, sua pesquisa com manuscritos? A resposta foi dada por dois especialistas em Fernando Pessoa: publicar um livro com um título que nos faça pensar em um manual de autoajuda (*Como Fernando Pessoa pode mudar sua vida – primeiras lições*). O livro é assinado por Jerónimo Pizarro, pesquisador da Universidade de los Andes (Colômbia), e Carlos Pittella, da Universidade de Brown (Estados Unidos).

Sem oferecer conselhos ou máximas para nos ajudar a mudar nossas vidas, a obra exhibe a riqueza da mítica arca de Fernando Pessoa, repleta de manuscritos, imagens, cadernos. Autor que publicou apenas um livro em vida (*Mensagem*, 1934), o poeta deixou enigmaticamente outras identidades autorais, os heterônimos, e passou a ser muito conhecido e, ao mesmo tempo, essencialmente incógnito, dada a profusão de matérias, temas e propostas em seu acervo, em boa parte desconhecidos por seus leitores.

Há autores cuja presença, cada dia mais esmagadora, produz uma miragem: a de supor que um escritor já é conhecido apenas porque tem uma presença global.

Fernando Pessoa não só *não* é ainda bem conhecido, como também está eclipsado por planetas maiores do sistema solar que é a sua obra[...].²

A expectativa de um manual de comportamento é retomada na nomeação padronizada dos capítulos – “Como calcular a própria concepção”, “Como mentir sinceramente”, “Como fabricar uma bomba”, “Como responder à psiquiatria”, “Como traduzir do grego sem falar grego”, “Como coadjuvar um falso suicídio”. Esses temas e a leitura, porém, rompem divertidamente com a esperança de encontrarmos ajuda para nossas angústias. Na

¹ Professora de Teoria da Literatura da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: gamamonica@gmail.com

² PITTELLA, Carlos; PIZARRO, Jerónimo. *Como Fernando Pessoa pode mudar a sua vida – primeiras lições*. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2016, p. 13.

verdade, revelam mais que a imagem de um Fernando Pessoa fantasmagórico perdido entre suas diversas identidades ficcionais. Vemos rastros de seus passeios por Lisboa, em atividades cotidianas ou divertindo-se com falsos enigmas e propostas poéticas de viver o mundo.

São muitas as curiosidades sobre a vida de Fernando Pessoa narrados por Pizarro e Pittella. Ficamos sabendo, por exemplo, que o famoso poema “Autopsicografia” foi escrito, ou melhor, datado do dia da mentira, 1º de abril (de 1931):

Pura casualidade? Dificilmente. Nas primeiras décadas após a sua morte (em 1935), Pessoa seria muito criticado por sua suposta falta de sinceridade com relação às datas de alguns de seus poemas. Enquanto os críticos confundiam a sinceridade humana com a artística, ninguém reparou que o fingimento pessoano era não apenas o epítome de uma poética, mas o ideal máximo do poeta no dia da mentira!³

O livro constrói uma biografia do poeta por meio de seus rastros documentais sem, no entanto, recorrer à cenografia “estamos contando a vida de um homem célebre”. Surge, assim, a materialidade de um autor em manuscritos de poemas, mas sobretudo nos vestígios de sua passagem material por Lisboa: anúncios publicitários para a Coca-cola e para carros, seus projetos de jogos de tabuleiros, cálculos astrológicos sobre sua própria concepção, mapas de trajetos que o permitissem a ficar mais tempo com a namorada.

Ainda que essa enumeração coincida com a ideia da biografia como um texto que recupera o cotidiano, a maioria de seus capítulos nos encaminha para o caleidoscópio criativo pessoano: a enorme abrangência de tipos textuais e de projetos são exemplarmente sintetizados pela epígrafe escolhida para o livro: “Assim como lavamos o corpo, deveríamos lavar o destino, mudar de vida como mudamos de roupas”. Retirada de *O livro do desassossego*, de Bernardo Soares, a passagem tem continuidade muito significativa:

Há porcos que repugnam a sua própria porcária, mas se não afastam dela, por aquele mesmo extremo de um sentimento, pelo qual o apavorado se não afasta do perigo. Há porcos de destino, como eu que se não afastam da banalidade quotidiana por essa mesma atração da própria impotência. São aves fascinadas pela ausência de serpente; moscas que pairam nos troncos sem ver nada, até chegarem ao alcance viscoso da língua do camaleão.

Assim passeio lentamente a minha inconsciência consciente, no meu tronco de árvore do usual. Assim, passeio o meu destino que anda pois eu não ando; o meu tempo que segue, pois eu não sigo. Nem me salva da monotonia senão estes breves comentários que faço a propósito dela. Contento-me com a minha cela ter vidraças por dentro das grades, e escrevo nos vidros, no pó do necessário, o meu nome em letras grandes, assinatura quotidiana da minha escritura com a morte.

Com a morte? Não, nem com a morte. Quem vive como eu não morre. Acaba, murcha, desvegeta-se. O lugar onde esteve fica sem ele ali estar, a rua por onde andava fica sem ele lá ser visto, a casa onde morava é habitada por não-ele. É tudo, e chamamos-lhe o nada; mas nem essa tragédia da negação podemos representar com aplauso, pois nem ao certo sabemos se é nada, vegetais da verdade como da vida, pó

³ Ibidem, p. 161.

que tanto está por dentro como por fora das vidraças, netos do Destino e enteados de Deus, que casou com a Noite Eterna quando ela enviuvou do Caos que nos procriou.⁴

Ao conhecer os manuscritos pessoais, toda essa passagem pode ser lida como metáfora do processo de criação: ter inúmeros projetos, beber do cotidiano, trazer para a poesia a poeira da vida material e do dia a dia, aspectos de quem sabe que vive sendo coberto por camadas de sujidades que alteram a aparência e interferem em nosso estar no mundo. Reconhecendo a necessidade de asseio, não é possível para o eu-lírico afastar-se da *porcaria* por uma “atração da própria impotência”. A prisão de perceber-se assim, paralisado, é atenuada pelas vidraças – é escrever-se na sujeira da transparência, participando poeticamente do cotidiano ao tecer redes inesperadas, iluminar ações corriqueiras, inscrevendo-se liricamente em tantos momentos da vida corriqueira que seus rastros operam uma manutenção constante da assinatura pessoal. O poeta representou seu estar-no-mundo com a proliferação de marcas, projetos, manuscritos, um aplauso silencioso herdeiro do caos criativo.

Ainda pela figura da visão, Fernando Pessoa retorna, em outro manuscrito, à dificuldade de percepção: “Há entre mim e o mundo uma névoa que impede que eu veja as coisas como verdadeiramente são – como são para os outros. Sinto isto”⁵. Impossibilitado de ver as coisas e de ver como elas se apresentam para os outros, algo paralisante para muitos de nós, é tomado pelo poeta como um desafio, pois a névoa (também bruma e poeira) resulta, em sua poética, na produção desses outros que olham e falam sobre o mundo. Assim, seus heterônimos mostram seu contentamento em escrever no pó dos vidros de sua cela envidraçada.

Em carta a Mário Beirão, de fevereiro de 1913, Fernando Pessoa tematiza essa proliferação de si e de seus projetos:

Tenho a alma num estado de rapidez ideativa tão intenso que preciso fazer da minha atenção um caderno de apontamentos, e, ainda assim, tantas são as folhas que tenho a encher, que algumas se perdem, por elas serem tantas, e outras se não podem ler depois, por com mais que muita pressa escritas. As idéas que perco causam-me uma tortura imensa, sobrevivem-se n’essa tortura, escuramente outras. V. dificilmente imaginará que Rua do Arsenal, em matéria de movimento tem sido a minha própria cabeça. Versos ingleses, portugueses, raciocínios, temas, projectos, fragmentos de cousas que não sei o que são, cartas que não sei como começam ou acabam, relampagos de criticas, murmurios de metaphisicas... Toda uma literatura, meu caro Mário, que vaieda bruma — para a bruma — pela bruma...⁶

São tantos os projetos, tantas as ideias. A mente deve transformar-se num caderno. A imagem do suporte que guarda os apontamentos, unificando-os em uma encadernação – portanto, exemplo de uma organização – é tensionada pela ideia de que muito se perde antes de ser anotado ou pelo não reconhecimento de sua própria escrita (um consolo para o geneticista: era difícil para ele mesmo decifrar sua letra!). Interessante notar a angústia para “encher” as folhas, pois, se há espaço, é preciso preenchê-lo. Mas o sofrimento mesmo refere-se às ideias que se perdem, pois vão, na escuridão, transformando-se em outras.

⁴ PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego* (Bernardo Soares). vol. I. Transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Ática, 1982, p.146.

⁵ Pessoa, Fernando. “Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação”. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/4424>. Acesso em: 10 mar. 2017.

⁶ PESSOA, F. Apud. Pittella, Carlos; Pizarro, Jerónimo. Op. cit., p. 245.

